

Estiagem no Rio Grande do Sul persiste em abril

Choveu em diversas regiões do Rio Grande do Sul na penúltima semana de abril, mas a precipitação não foi suficiente para amenizar os efeitos da estiagem. A seca não é localizada apenas no Rio Grande do Sul, mas atinge Argentina, Uruguai, Santa Catarina e Paraná.

A estiagem pegou desprevenidos os gaúchos que pensaram que a seca teria terminado com as chuvas registradas nos meses de fevereiro e janeiro. A falta de chuva começou ainda em novembro do ano passado e as precipitações dos dois primeiros meses de 2009 salvaram a lavoura, mas não foram suficientes para recuperar as reservas hídricas nem para encher reservatórios. A falta de chuva é influência do fenômeno La Niña, que já cessou, mas a atmosfera ainda não voltou à normalidade. A partir do segundo semestre, o Estado pode sofrer com o excesso de chuva.

Agricultura

Além de perdas nas lavouras de soja e milho, a seca também prejudica as pastagens e há redução da produção gaúcha de leite. Os prejuízos registrados na agricultura poderiam ser revertidos com a implantação integral das práticas recomendadas no sistema de plantio direto, afirma o chefe geral da Embrapa de Passo Fundo, Gilberto Cunha.

No Rio Grande do Sul, as variações climáticas explicam as flutuações na produção de soja e milho. Para driblar as oscilações, o ideal seria a armazenagem de água no solo. “Não é uma seca catastrófica. A questão é armazenar água no local”, diz Cunha. Para tan-



Especialistas recomendam o plantio direto como prática para minimizar efeitos da falta de chuva

to, é necessário elevar o teor de matéria orgânica e reduzir a compactação do solo, de forma que a água possa infiltrar-se. Apesar de praticamente 90% das lavouras gaúchas serem cultivadas no plantio direto, o sistema pressupõe medidas que não são adotadas na totalidade, como não semear o solo com excesso de umidade ou seco. “A estiagem gaúcha é um problema de gerenciamento dos recursos hídricos.”

A ideia de problema de gerenciamento é corroborada pelo pesquisador em agrometeorologia da Fepagro Ronaldo Matzenauer, que afirma que há ocorrência de estiagem no Estado há muito tempo. Ele cita pesquisa que comprova, inclusive, que de 1976 a 2005 choveu 8,5% mais do que nas três décadas anteriores, de 1946 a 1975. “É um problema de regime de chuvas. A variabilidade é muito grande no Rio Grande do Sul.” Ele acrescenta que a atual seca está concentrada no Norte, Noroeste, Alto Uruguai e pontos isolados do Sul e, portanto, não chega aos níveis de 2004/2005, já que não atingiu todo o Estado. “Mesmo com perdas na lavoura de

soja, será uma produção normal, em torno de 8 milhões de toneladas. Em 2004/2005, a quebra foi de milhões de toneladas”, lembra.

Apesar de ter chovido menos no período de 1946 a 75, os efeitos do regime de chuva são maiores no período mais próximo devido à revolução verde. Foram desenvolvidos materiais com maior potencial. Enquanto no primeiro período uma lavoura de milho continha de 20 mil a 35 mil plantas por hectare, hoje alcança 80 mil plantas por hectare. Além de o adensamento elevar os riscos da atividade, o mesmo hectare demanda mais água.

Matzenauer acrescenta que todos os anos, mesmo que chova, em torno da média do Estado, sempre há lavouras que sofrem com falta de água. As culturas de verão demandam de 180 a 240 milímetros por mês, o que, segundo ele, não são normais de acontecer.

Nas regiões de maior precipitação, como no Planalto, a média é em torno de 160 milímetros mensais. Se a precipitação fosse maior, conforme o pesquisador, a produtividade poderia ser até 25% maior. “Aí entra o melhoramento genético, para conseguir materiais com mais tolerância ao déficit hídrico.” Para minimizar os riscos, ele aconselha a diversificação. O cenário é de déficit hídrico que se acumula desde o final da primavera, mais acentuado no extremo Norte, Alto Uruguai, Planalto, Missões, baixo do Vale do Uruguai, Campanha e Leste da Depressão Central.

O professor de agrometeorologia da Ufrgs Homero Bergamaschi, lembra que a agricultura na primeira metade do século XX era predominantemente de subsistência. Os efeitos começaram a ser sentidos mais fortemente após a revolução verde, quando começou a mecanização e

o uso de adubação no solo. “Hoje, quando há estiagem, os prejuízos são maiores.” Bergamaschi, pós-doutor em agrometeorologia pela Universidade de Reading, na Inglaterra, afirma que já houve quadros mais graves do que este, como em 1943/1944, ano em que a falta de chuvas foi semelhante a 2004/2005. Além disso, ele afirma que há registros de estiagem no Estado já em 1917.

Previsão

O 8º Distrito de Meteorologia (Disme) informa que, para o trimestre maio, junho e julho, as precipitações serão próximas ao padrão normal, o que ainda será insuficiente para repor as deficiências hídricas dos últimos meses. Para os meses de maio e junho, a tendência é de precipitação dentro do padrão em todo o Estado. Em julho, espera-se precipitação mensal pouco abaixo do padrão, especialmente no Nordeste do Estado. É esperado predomínio de massas de ar frias mais intensas, influenciando fortemente nas temperaturas mínimas, especialmente na Metade Norte do Estado. Nos meses de maio e julho, os modelos apontam para valores de temperatura mínima mensal pouco abaixo do padrão na Metade Norte e próximo do padrão nas demais regiões. Para o mês de junho, a tendência é de temperatura mínima mensal dentro do padrão.

All COMP
Equipamentos de Precisão

Mapeamento e cálculo de área com GPS

Vendas, cursos e treinamento.

(51) 2102.7100

Av. Pernambuco, 1207 - Porto Alegre/RS
vendas@allicompgps.com.br
www.allicompgps.com.br

QUALIDADE na armazenagem

- Evita deterioração, mofo, germinação...
- Inibe a proliferação de pragas.
- Elimina a condensação, gotejamento.
- Extrai gases, pó, calor, ...
- Economiza energia elétrica na aeração forçada.
- Evita a compactação na camada superior.
- Evita a corrosão na estrutura metálica.

Central de atendimento
0800 41 3355
www.fanair.com.br/rural

Cycloar
sistema de aeração intensificada